



Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

ANO IV

N.º 20

São Paulo, Maio-Junho de 1958 — Caixa Postal, 1304

A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

Ao Sabor do Tempo

hevesismos a par de outros muitos crimes contra a França autêntica.

Viu-se, porém, o general em situação precária. Malogrou, como linha forçosamente de malograr, a sua "Concentração do Povo Francês". Dixia ele: "Na falta de um verdadeiro Estado, a França não é defendida. O nosso primeiro dever é reduzir à passividade os agentes estrangeiros, inutilizar a sua obra e arrancar-lhes a fracção do povo que domina. Mas o regime de partidos é evidentemente incapaz disso. As provocações mais acintosas, responde apenas com ordens do dia, ou irrisórias modéias da policia. Sobretudo, nada faz para estabelecer condições sociais graças às quais se possa reagrupar a comunidade nacional".

7. Voltado à carga, em discurso pronunciado em Lille: "O nosso país encontra-se no início do esgotamento económico, mas seu turfo é incessantemente contrariado pelos abales de uma politica incoerente. A administração, o exercito, e mesmo a justiça, sofrem as consequências do facto de OS PARTIDOS OS TRANSFORMAREM EM AGENTES DE TRANSACÇÕES. PARA USO DA SUA CLIENTELA.

"A União Francêsa, em vez de se dedicar ao desenvolvimento apropriado de cada um dos seus territórios, é agitada sem cessar pela acção dos separatistas (comunistas) e dos partidos metropolitanos. Nestes últimos três anos, nada indica que os poderes públicos se tenham pôsto de acôrdo entre si mesmos. Quanto aos interesses vitais da França... tornou-se claro que O SISTEMA QUE PRETENDE NOS REPRESENTAR não e pode fazer com a necessária consistência e decisão. Em resumo, em todos os sectores, tudo se passa como se a attitude dos responsáveis pela nossa politica se modificasse cada vez que SE ATAM e SE DESATAM AS COMBINAÇÕES DOS GRUPOS e DAS ASSEMBLEIAS DE DELEGADOS. A França é hoje um navio sem leme."

8. Logo seria citarmos tôdas as oportunidades em que o general revelou e objectivamente a mazelha trágica da POLITICA DEMOCRÁTICA, da politica (politicagem) DE PARTIDOS, afinal totalmente

POBRE DO POVO! POBRES DOS POBRES!

Quando começavam a invadir o Reino do Brasil as idéias (e os factos...) constitucionais, liberais e democráticos, ouvia Saint-Hilaire entre o povo estas interrogações desalentadas: — "Não era muito melhor sermos governados por nosso Rei (Dom João VI), pelos generais que nos enviava, do que POR TANTA GENTE QUE BRIGA E NÃO TEM A MINIMA COMPAIXÃO DO POBRE?"

Hoje que vivemos a mais deslavada borracheira republicano-democrática, podemos com mais razão e revolta repetir a antiga pergunta popular.

Há tanta gente partidária brigando e abandonando totalmente o povo às suas desgraças, misérias e necessidades mais prementes; empobrecendo-o com a inflação e piratarias internas e externas.

Até da TRAGEDIA DA SECA CEARENSE zombam êsses criminosos campeões da demagogia. Votam-se socorros que jamais chegam aos flagelados. Roubam os auxilios, se enviados. Exploram as necessidades. Lançam-se pelo sul sem destinação estabelecida, sem trabalho, sem recursos, sem nada, enormes grupos de homens, mulheres e crianças.

E faz-se propaganda eleitoral demagógica em face da fome, da dor e do desespero.

A quem recorrer, para quem apelar contra tamanha inconsciência e banditismo?

— A ninguém, patriotas!

Perante tantas calamidades, O GOVERNO NÃO FUNCIONA, A REPUBLICA NÃO FUNCIONA.

Que Deus se apiade do Brasil e especialmente dos FLAGELADOS! Não existe Estado no Brasil. Existem partidos de exploradores e egoistas.

1. Despojados há muito dos motivos grandiosos que fazem as actividades vibrarem de entusiasmo, de patriotismo transbordante e de explosões cívicas; desenganados pelas incidências continuas e imutáveis de maus exemplos, de indignidades, de baixezas da parte dos agentes responsáveis do mírdico regimen a ôles imposto em 89; desesperados da situação calamitosa, de pobreza, de misérias morais e materiais, de privações fiscais e burocráticas, dos reflexos das humilhações internacionais sofridas pela Pátria em razão do servilismo do Estado Brasileiro as potências estranhas — já se não deparavam mais aos brasileiros as oportunidades de manifestar em grandes demonstrações conjuntas o seu espírito de bravilidade. Parceiramos um povo ferido de apatia irremediável, de anemia perniciososa, de gangrena letal.

2. Eis, porém, que surge, através dos desportos, um momento sobrio, propício a despertar as forças gloriosas das profundezas da alma da Raça. Electrizam-se todo o ambiente nacional com o delirio sacro e palpitante que abraçava os maravilhosos recantos multiformes da Grecia antiga ao se anunciarem os jogos das Olimpíadas, prêmios de religião e de beleza.

Orientam-se hercúleos, apolíneos, incomparáveis pela sua inevitabilidade; assombam pelos dotes de resistência, agilidade e rapidez as improvisações futebolísticas; encantam pela disciplina antiga da bravilidade herdada da lusitanidade avoenga os representantes de uma Nação há 70 anos humilhada "lá-bas", quase ninguém da Europa sabe perfeitamente onde. Foi a resposta altiva, arrasadora, convincente, da nossa Raça, contra as teorias dos arianos, dos inimigos dos mestiços, dos tagareadores da superioridades antropológicas. O BRASIL É CAMPEÃO MUNDIAL! Reconheceram-no forçosamente todos os mais valerosos desportistas, sobretudo os próprios leais succos, os últimos a se baterem contra os nossos.

3. Bendito Futebol, que nos deu um espectáculo de gloriosa convulsão patriótica, nacional e nacionalista, como há tantos anos ignorávamos.

Mas... donde veio êsse triunfo? — Da existência de um comando firme, sério, moral e moralizador; de um COMANDO disciplinador e eficaz sob o aspecto humano e desportivo.

Dê-se-lhe um Estado sério; dê-se um Comando Político Imperial ao brasileiro — e o Brasil será breve a PRIMEIRA NAÇÃO DO MUNDO, com e reconhecimento sincero de tôdas as outras Nações que somente aderirão ser beneficiadas pela Justiça e Caridade internacional que ansiavam cristãmente por estabelecer em casa e no mundo, graças aos meios mais esplendidos existentes em nosso País, desperdiçados ou estancados por uma politica infame e trágica de palhaçadas, ladrocinras e brigas inoperantes e desmoralizadoras.

11

4. Desde 1789, a França, desnacionalizada, dá maus exemplos ao mundo. Enviou-nos tôdas as formas da peste, inclusive a criminosa franco-maçonaria. Já antes nos enviara enciclopédismo, voltairanismo, jacobinismo, galicismo, etc.. Lastimável por sem dúvida, quem mais infelicia, no entanto, era o próprio povo francês, dominado pela filosofia dos metecos e seus "comprados" da velha raça.

5. No Estado, a primeira reacção notável contra tal situação nimio fôra foi o infeliz governo do Marechal Pétain, desgraçadamente creado em plena guerra, com a França vencida mercê das debilidades e ascências hereditárias à democracia e ao parlamentarismo esterilizantes. Foi um governo aparentemente inútil a bem da França eterna.

6. De Gaulle, que em outras condições estaria pela iniciativa patriotica, foi lançado pelo destino à resistência — agente de muitos

LEMBRETE AOS RETARDADOS MENTAIS... E POLÍTICOS

Os politicos que ainda têm pela cartilha do velho constitucionalismo inglês acreditam que a realidade do regime representativo depende da existência de partidos organizados; mas a verdade é que AS LUTAS MODERNAS DA OPIÇÃO TRANSBORDAM DOS QUADROS PARTIDARIOS. — Alberto Torres.

desmoralizados perante a Nação, mas irredutíveis na sua presunção de "REPRESENTAREM O POVO". Lektamos:

"Os partidos, feridos de morte, mas tomados do desejo de conservar, pelo maior tempo possível, as alavancas do Estado, voltam, contudo, à sua demagogia. Vemo-los esquecer os seus programas e dissimular suas pretensões. Vemos, agora, suas delegações simularem firmeza quanto às questões externas e, após breves abandonos, conservar o que resta das concessões francesas. Entretanto, esta aparência de sabedoria não pode chegar a bons resultados. Os homens que são, ao mesmo tempo, ACTORES E PRISIONEIRO DO REGIME, têm como certo o seu valor, mas O REGIME ESTERILIZA A SUA CAPACIDADE PORQUE, EM SUA CONFUSÃO, É O PRÓPRIO REGIME QUE SE MOSTRA ESTÉRIL. ... Para conduzir a nação até aos objectivos a serem atingidos, é evidentemente NECESSÁRIO QUE TOMEMOS EM MÃOS O INSTRUMENTO APROPRIADO: O ESTADO. ESTAMOS RESOLVIDOS A FAZÊ-LO".

9. São palavras pronunciadas a 12 de fevereiro de 1949.

Depois, desesperado ante a calamidade demo-liberal-partidocrática, abandonou a política. Lá em seu recolhimento o foi buscar a revolta nacional do coronel Massus e seus companheiros da africana Argélia.

Respirou a França. Começa a ter governo. Assiste a um princípio de solução, mas não o é totalmente. Naquele mesmo discurso supracitado, afirmava De Gaulle: "Queremos que a França se proporcione INSTITUIÇÕES tais que o Estado republicano se mostre facto para conduzi-la, mesma, caso seja necessário, através de tempestades. É preciso que desapareça a confusão de poderes, e que, ao contrário, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário sejam efectivamente separados e, por conseguinte, cada um seja responsável no que lhe diz respeito".

Estará ainda o general encailhado na superstição de Montesquieu, aniquilada por tantos grandes autores franceses do valor e, sobretudo, desmoralizada pela realidade? Imperdoável ignorância para um estadista informado da actual Ciência política (Política é ciência, meus amigos!). Chega de utopias e mitos! Cumpre estudar. Cumpre aprender com a política experimental: História. O que esta ensina é que o Poder é indivisível. Mas a "representação", em vez de representar, pretende mandar, obediente ao mito demo-liberal. Resultado: o Poder não é mais poder; em suma, o Estado passa a ser mera ficção irresponsável, incapaz.

10. Que se dará, cessado o seu prazo de governo? Continuará? De que modo? Como ditador, sob a muda Presidência? Como regente da desafiada e tumultuosa banda multipartidária parlamentar? Ou largará tudo à chamada "normalidade" democrática (desgraça da França)?

Entre os vários apelos a ele feitos, antes do alçamento argelino, para assumir o poder houve este: "No presente momento a nação tem a oportunidade, se assim se pode exprimir, de dispor de uma legitimidade de reserva, a do general De Gaulle. Representou ele a honra, o interesse nacional, a adesão popular, a lei. A sua legitimidade sobre a medida que abaliza a do regime. Sabe-se, igualmente, que ele não será amanhã diferente do que foi ontem, isto é dirigente autoritário, talvez, mas oposto à tirania. Sabe-se enfim ser destino d'ele tomar o lema em se aproximando o navio das tempestades, sem querer conservá-lo além do tempo necessário" (Michel Debré, "Ces princes qui nous gouvernent...").

11. Sem Rei não há salvação nacional, tanto para o Brasil como para a França. A ditadura é o desconhecido. É salvação provisória, dado que falte a solução régia, monárquica.

Deu-nos, bem verdade é, a gloriosa Gália, o exemplo de como se pode tapar a boca e os olhos dos vorborrígicos covetores da Pátria, perante um povo já bôdicamente letárgico e desesperado da possibilidade de qualquer mudança para o bem.

Não queremos só isto para a Pátria de São Luis e Santa Joana d'Arc. São Luis foi Rei. A Joana d'Arc coube, da parte de Deus, a missão de levar o Rei ao treno. E, em toda a história da humanidade, NUNCA nação alguma foi salva por DEMOCRACIA, mas muitíssimas vezes destruída por ela.

Com a palavra De Gaulle. E gratos pelo MAGNIFICO EXEMPLO.

III

12. Nunca proveu à URSS entrar em graves perigos para realizar os seus nefandos planos.

Vulpinamente foi aos países bálticos. Maquievoliticamente promoveu desordens no mundo inteiro, através de agentes bem camuflados ou com o uso aliciente de escritórios comerciais ou ministros e embaixadas.

Mete em toda parte os seus camaleões. Intriga. Mente. Defensa os factos mais corriqueiros com um senverganhismo tal qual jamais se viu sobre a terra.

Estouvo no Brasil em 35. Conflagrou no Oriente a Coréia e a Indochina. Espalhou motins por todo o mundo. Chacinou na Polónia, na Alemanha oriental e na Hungria os revoltados contra o seu banditismo escravista.

Procura sempre "tirar a castanha com a mão do gato".

13. Chegou a vez de lançar dinamite no mundo Árabe, com promessas mirabolantes. O nosso pequeno Líbano está em perigo.

Comprenderá o Ocidente inadvertido o perigo gravíssimo em que o vai meter a insinuação melosa dos imperialistas das estepes? Deixar-se-ão embalar pelas ingenuidades de falta?

Importa-nos socorrer o aliado, pequeno mas rescoluto, que é a velha terra onde pompeou nos tempos antigos a civilização fenícia e hoje constitui um dos centros mais promissores da grande civilização agarena que vai florescer ao depois desta tormenta hedionda pela qual transita com dores atroz a humanidade contemporânea.

Salvemos o Líbano, nosso aliado!

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA

E' de suma importância seja dada ao conhecimento público a "gragem" política brasileira. Do ignorar o povo as mazelas do cinema político-eleitorino, que se verifica em nosso país, é que nasce a indelicada semi-ceremônia com que agem os políticos nacionais, seguros, se sentem, por essa ignorância, de que nada de mau lhes poderá acontecer. Deseducado política e civicamente, desconhecendo por completo os acontecimentos que se verificam por trás dos bastidores da farsa democrática, debate-se o povo em surdo desespero, vendo a nação ser levada à bancarrota moral e financeira e se perderem, nessa avalanche de indícios, as suas esperanças de melhores dias, sem atinar com as causas dessa desgraça completa e total.

O nefasto Marechal Deodoro já dissera, antes de proclamá-la, a "república e desgraça completa, no Brasil, é a mesma coisa", sem, entretanto, ter a moral e o carácter suficientemente fortes para, sabedisso, deixar de cometer o crime de lesa-pátria que cometeu, ao derrubar o IMPÉRIO, que havia feito a grandeza deste país. Atirando o Brasil na tal "desgraça completa", construiu, para ser vivida pelas gerações que lhe deviam suceder e por ele próprio, uma terrível tragicomédia, a imensa farsa eleitorina que, em quadros claramente definidos, mais indelévelmente, a vida política brasileira, a cada período presidencial, se finda, desde a preparação para as futuras eleições, até ao início do governo eleito, repetindo-se periodicamente, como trágica e perniciosamente, destinada a destruir, lenta e metódicamente, o Brasil.

O CONCHAVO

No palco político nacional, destaca-se, logo ao subir do pano, o primeiro quadro deveras "majestoso": é o **Conchavo**. Que significa, objetivamente, esta palavra? Conchavo é o acordo feito pelos chefes dos partidos políticos, a portas fechadas, com vistas à eleição de seus candidatos às várias governanças, trocando-se, mutuamente, vantagens diversas. Os pequenos partidos, sem forças ou capacidade para indicar os "papéis" isto é, os candidatos à presidência da ré pública, ou à governança dos "estados", ou, mesmo, às prefeituras, no âmbito municipal, entram e conchavos, fazendo acordos com os grandes. Para que o acordo se faça, devem, estes, responder, porém, e logo para início de conversa, à clássica pergunta: QUE VANTAGEM MARIA LEVA?

A resposta, já se vê, é precisa e firma o solene compromisso de um divócio, generoso e fraterno, das sinecuras, levando-se em conta, entretanto, a possível quantidade de votos representada pelo "prestígio" do partido anuente, junto às "massas" ignorantes. Verifica-se, então, a divisão antecipada, pósto que desavergonhada, dos postos chaves da administração pública, dos quais a camarilha política tira a maior soma de proveitos. Compromete-se, assim, o candidato à eleição, se eleito, a entregar aos chefes do partido ou dos partidos que o apoiarem na eleição ou a quem estes indicarem, as secretarias de estado, chefias de repartições ou de autarquias mais ou menos importantes, de acordo com o maior ou menor valor do apoio recebido. Ficam, os grandes partidos, com as grandes "fatias", participando, os pequenos, do rateio das "caças" do grande banquete final.

Temos exemplos recentíssimos, destas "marmeladas": o esquema proposto pelo Sr. Etelvino Lima, visando a eleição do futuro presidente da ré-pública, produziu um; o mesmo se pode dizer das intermináveis "consultas" feitas pelo Sr. Garcez — que são outros tantos conchavos — visando a eleição do futuro governador do "estado". Que se diz, então, das passadas imorais "demarches" de um candidato a governador e do P.D.C.? Este, lança a candidatura de um dos seus membros à vice-governança do "estado" e, no mesmo instante, desavergonhadamente afirma, que tal candidatura poderia ser retirada, para dar lugar a um outro nome, que fosse indicado por QUALQUER outro partido que apoiasse "aquela mesma" candidatura à governança. Não se caracterizará, aqui, o puro e imoral conchavo ré-público? Não se caracterizará, aqui, a negociata, deslavada e sem vergonha, dos cargos públicos de maior importância? Uma cena horrível de ladrões partilhando, antecipadamente, sãdicamente, o produto do futuro assalto à Nação?

Todos os partidos que se prezam têm um acordo a propor e c'êtm proposto, realmente, em conchavos secretos, guardando, ciosamente, longe dos olhos do povo estupidificado, os detalhes nojentos do "negócio" realizado, para que, o povo, desconhecendo-os, permita a continuação deste estado de coisas imoralíssimo, do qual estes politicoides de farsaria vivem e, por meio do qual, fazem fortuna e criam "prestígio".

OS CANDIDATOS A CANDIDATOS

O segundo quadro da farsa nos mostra outra classe em plena atividade: os candidatos a candidatos de deputados, senadores e vereadores.

Já expliquei, em artigo recente, que os chefes políticos é que escolhem e nomeiam, para figurar nas chapas dos partidos, os "iluminados" a quem caberá a suprema e "PRATIÓTICA" tarefa de "salvar" o Brasil e suas (dêles) "sagradas" instituições ré-públicas. Escolhidos estes galatos, pelos seus chefes — a quem obedecem cegamente —, são eles lançados (que coisa horrível!) na arena das eleições. Mas, para uma eleição é preciso dinheiro; é preciso muito dinheiro, para a custosíssima propaganda eleitorina e, estes cavalheiros (de indústria?) querem ser eleitos, mas não à custa do que lhes pertence, pois não são "otários", e, para isso, pertencem à "panelinha" partidária. Como conseguir, então, o dinheiro? Aceitam, para figurar na chapa do partido, aventureiros incultos e boçais — mas apatecados —, sem escrúpulos e sem valor — mas cheios de ambição e de maus desígnios — os quais, para entrar para a dita chapa, devem, antes de mais nada, entrar com certa importância

Sem uma teoria baseada na vida histórica nacional não há Política nem Administração decentes. PÁTRIA-NOVA possui essa teoria.

que os elegtu (?) e lhes paga, para que trabalhem e sejam honestos. E, assim, meus Amigos, é que "funciona" o maldito regime em que vivemos.

X X X

Cai o paro e, com ele, os olhos tristes e envergonhados do povo. Pergunta-se, então: é possível continuarmos nesta orgia? Aguentará a nação, ainda por muito tempo, esta desgraça? A resposta é: NÃO! A menos que, queiramos nos condenar, a nós próprios, ao suicídio. Urge, portanto, acabar com a fonte destes descalabros. Urge acabar com este mostro ré-público, com sua pletera de partidos, únicos forjadores dos conchavos e dos acordos, que produzem os ladrões e os parasitas, que destroem, impunemente, a seiva da nação. Para nos livrarmos desta desgraça que nos humilha e consome, devemos nos convencer de que, o único remédio que resta, para os nossos males, é a **DESPROCLAMAÇÃO** da ré pública, **instaurando**, em seu lugar, sobre os seus putridos escombros, um novo e radiante IMPÉRIO, único regime capaz de moralizar e engrandecer esta nação.

A NOBRE INSTITUIÇÃO DOS "CABOS"

Terceiro quadro. Enfim, candidatos! Desenvolve-se a farsa e, nesta farsa, novos e diferentes acordos são necessários, e se verificam.

Os, já agora, candidatos oficiais dos partidos, de posse da legenda, não se podem eleger sôzinhos. Precisam de quem lhes arranje os votos: um, então, o "negócio" com os "cabos" eleitorais. Ah!, os "cabos" eleitorais, grande instituição ré-públicana-partidocrática! Talvez, a maior das sôdas! Eméritos tapeadores, corja de safados, êstes "cabos" conseguem, por meio de artificiosos engodos, captar a confiança dos eleitores ignorantes — dos quais está o Brasil, infelizmente, super-lotado — convencendo-os a votar nos seus candidatos "do peito".

Ao tempo da "ré pública velha", — tempo em que, ainda, se amarrava cachorro com língua — os ditos contentavam-se, para apreçar as "virtudes" dos candidatos, em receber, a título de pagamento, uma palmadinha nas costas e um sorridente: "obrigado, meu Amigo", julgados que ficavam por certa "influência" política junto ao candidato, grande influência que bilançavam frente aos amigos e vizinhos boquiabertos. Hoje, a turma evoluiu, como tudo o mais neste país de "ordem e progresso, salve, salve". Agora, não lhes interessam mais palmadinhas nas costas, ou pseudo amizade de políticos, coisas que, praticamente, nada valem. Querem saber, isto sim, quando convocados a trabalhar para os candidatos, **QUAL A VANTAGEM QUE MARIA PODERÁ LEVAR** no negócio. E, o acordo se realiza... Faz-se a barganha dos votos, ou por dinheiro de contado, ou por futuros "dinheiros" representados por cargos públicos bem remunerados e em repartições onde não se trabalha e, apenas, se recebe. Trocam-se votos, por "sombra e água fresca". Que melhor "negócio"? Lá vai, sófrego, o "cabo" trabalhar, para o candidato, enganando, para os brécios que nêle acreditam, qualidades que tal candidato está longe de possuir. É, assim, meus caros Amigos, que se forma, neste país do "outro mundo", os "leaders" de um povo pobre, ignorante e infeliz.

O RATEIO

Realizadas as eleições, vem no quarto quadro da farsa, os chefes dos partidos, ou seus prepostos, aboletados nas secretarias de estado, e nas chefias, que lhes cuberam por fôcea da partilha contratada nos arquivos pré-eleitorais, e, os eleitos, entre êles alguns dos ex-candidatos boçais, ambiciosos e safados, escarpachados em suas cômodas câmaras curulis ou parlamentares, notando-se, estampada em suas caras, mandando arreganhos lascivos, a antecipada venalidade, que os conduzirá, indo se dar a oportunidade, à dança imunda do enriquecimento fácil. Agora, adivinhamos o segundo ato da farsa, vendo os "cabos", nas repartições, esfregando as mãos de contentamento, na expectativa do ANÇA, que se aproxima.

2.º ATO. O AVANÇA. O FIM

Reclamam os "cabos", dos ex-candidatos, os empregos prometidos, e, por sua vez, reclamam dos seus chefes o cumprimento das promessas de empregos, que fizeram aos seus grandes eleitores da véspera. Mas os chefes — agora ministros e diretores — precisam dos deputados, senadores e vereadores, para se poderem manter em seus rendosos "cargos", dão-lhes os empregos pedidos e, quando não os têm para criam-nos, para que fiquem satisfeitos os "cabos" eleitorais e, com os "dignissimos" parlamentares por êles eleitos.

Cresce, assim, assustadoramente, o funcionalismo público; e, à falta de cadeiras, nas repartições, para se sentarem tão "explorados funcioná-rios", estes, naturalmente, não funcionam; assimam, simplesmente, o "cabo" e vão para suas casas curtir a mágoa de não poderem trabalhar, tendo, à sombra de uma árvore amiga, a sua agulhinha fresca, enquanto o tempo passa, e o governo lhes aumenta, DEMAGÓGICA-MENTE, os "minguados" ordenados.

Com esta nova torrente de funcionalismo, e, com os aumentos de ordenamentos que, fatalmente, virão, cresce a necessidade de dinheiro, para pagar os ordenados. Como a renda da nação não é elástica e, portanto, não estica, faz-se necessário arranjar dinheiro por qualquer maneira. E, a maneira mais simples para isso é, ou aumentar os impostos — e, aí, vem a "grita" das classes produtoras já escorchadas — ou emitir sem lastro, inflacionando a moeda e empobrecendo criminosamente o povo, para glúdio e sustento de uma matilha enorme de ladrões e parasitas. Em consequência de todo êsse esbanjamento dos ditos públicos, sobe o custo de vida e, com êle, o sofrimento dos menos afortunados. De quem a culpa? A quem se inculpar êste crime? Ao "cabo", que permite aos ignorantes eleger os safados, que vão para o cargo, animados do mais cínico e acendrado desejo de explorar os cargos e ocuparem, em seu próprio beneficio e a exclusivo dano da Nação,

José de OLIVEIRA PINHO

N. B. — Êste artigo não foi escrito agora. Bosqueje-o antes das eleições precedentes. Mas, uma vez que o realito republicano toca sempre a mesma cacofonia, esta vaia está certa.

DOUTRINA POLÍTICA QUE NÃO É TRADIÇÃO É CERTAMENTE TRAIÇÃO

INDEPENDÊNCIA ECONÓMICA DO BRASIL

Ao sr. ALUISIO ADOLPHO BARROSO, chefe do escritório da Petrobrás em São Paulo, dirigiu o deputado Martinho Di Ciero a carta abaixo, cujos dizeres, como verdadeiros nacionalistas "brasileiros", fazemos nossos, na luta pela independência económica da nossa Pátria.

"Saudações.

Dou em meu poder o opúsculo "O TRAFEGO DO PETRÓLEO NO PORTO DE SANTOS". Li-o do começo ao fim, e não pude sopitar a indignação por certas atitudes criminosas e temporizadoras de outra parte.

Já é tempo de dizermos um vigoroso — Basta! — contra os inimigos do petróleo e da Petrobrás.

Provou a Petrobrás que funciona com patriótica eficiência, apesar dos tropeços desleais que lhe opõem interesses inconfessáveis. O interesse do Brasil em nada está na dependência servil de qualquer interesse particular, queira êste embora arrogar-se o título de seu defensor.

Deve a Petrobrás prosseguir no seu programa serenamente, sem se preocupar de amainar interesses insurgentes, ambiciosos, infundados, que para isso terá o apóio de todo brasileiro digno.

Agradeço a oferta que me fêz do citado opúsculo e disponha sempre de meus préstimos."

A corrupção é inerente ao regime (democrático-liberal), está nêle implicada, é dêle uma hipóstase. — João de Scantimburgo. "Correio Paulistano", 2-4-58.

TOTALITÁRIOS EM CENA

É incrível a sem-cerimônia com que certos embaixadores marxistizados, sempre encostados como penetras sem-vergonha em altos cargos públicos muito bem pagos se metem a querer dar normas à vida nacional, como donos dela. Assim é o que se está dando com um grupinho metido no Ministério da Educação PLANEJANDO O MONOPÓLIO TOTALITÁRIO ESTATAL DO ENSINO NO BRASIL. Não em nome da tal democracia (em que não cremos), mas em nome da LIBERDADE DIVINA pela qual lutamos contra os invasores holandeses, protestamos contra a presunção dêssos nossos "empregados públicos" que ousam contrariar a ALMA NACIONAL, a favor dos seus projectos de dominio "urssista". Abaixo os falsos "doutores em educação"!

PRIORIDADES

A prioridade indiscutível está na santificação das almas. Mas "instrumentalmente" está na **SANTIFICAÇÃO DO ESTADO**.

Que os que têm Deus nas almas e autoridade social, ao invés de tagarelarem que o regimen não têm importância, tratem de santificar o Estado que os inimigos da Igreja sa-tanizaram. Caso contrário, muitas canseiras dos apóstolos resultarão, sob o aspecto natural, relativamente inúteis.

NÃO ADIANTA AFIRMAR-SE MONÁRQUICO. IMPORTA SER COERENTE. COMO TRABALHA O SR. PELO IMPÉRIO? JÁ DEU AO MENOS UM POUCO DO SEU DINHEIRO PARA AJUDAR-NOS A MANTER VIVO E ACESO O FOGO DAS NOSSAS AUTÊNTICAS TRADIÇÕES, DA NOSSA ORIGINALIDADE POLÍTICA NA AMÉRICA CONTRA TODAS AS POTÊNCIAS DA DISSOLUÇÃO INTERNAS E EXTERNAS? SE NÃO, O SR. NÃO PASSA DE UM "BON VIVEUR" EGOÍSTA, QUE SÓ PENSA EM SI E MERECE TODAS AS DESGRAÇAS QUE A REPÚBLICA LHE PODE OCASIONAR...

AFIRMAÇÕES CHOCANTES

Pela primeira vez na história do Brasil, PÁTRIA-NOVA considerou a vida política da nossa Pátria como um todo contínuo e incoerente. O Brasil Português (chamado erradamente "colônia") é a mais legítima fonte de uma genuína e autêntica POLÍTICA DE RENOVAÇÃO, DE RECUPERAÇÃO nacional. São quase nulas as lições do Império antigo e, ainda mais, da República, pois importaram, aqui mais moderadamente, e esta desbragadamente, utopias jacobinas, estranhas, perniciosas, loucas, que impediram a evolução natural, normal, da Pátria Brasileira separada do resto do Império Português.

POLÍTICA ORGANICA

Os interesses orgânicos da nossa sociedade estão, não somente ameaçados, mas atacados pela nossa anarquia social e política. — Alberto Torres.

SABEDORIA DE GOVERNO

"Assim como compete ao chefe de família dirigir os três factores Produção-Capital-Consumo de sua casa, compete efectivamente ao rei, chefe da família soberana, dirigir o capital nacional, que é a adição necessária, providencial, do capital sempre atacado."

A ordem económica era particularmente defendida pela lei mosaica. Sob a lei evangélica, não deve ser menos.

Eis aqui, aliás, os quadros cristãos que surgirão necessariamente da ordem das coisas na era de Renovação, quadros que já foram provados e estão prestes a sê-lo ainda, pois a Revolução não passa de acidente remediável sobrevindo contra a organização normal:

— Ao indivíduo fraco e egoísta entre os indivíduos fracos e egoístas é necessário um quadro social e moralizador: é a família;

— A família fraca e egoísta entre as famílias fracas e egoístas é necessário um quadro social e moralizador: é a corporação;

— A corporação fraca e egoísta entre as corporações fracas e egoístas é necessário um quadro social e moralizador: são os Estados provinciais;

— Aos Estados provinciais fracos e egoístas entre os Estados provinciais fracos e egoístas, é necessário um quadro social forte e moralizador: são os Estados gerais;

— Aos Estados gerais fracos e egoístas entre os Estados gerais fracos e egoístas, é preciso um quadro social e moralizador: é o sacro Império;

— O Papa é o federador necessário dessa sociedade do espirito.

Isso traduz instituições correspondentes à natureza das coisas, isto é à vocação dos homens, dos povos e dos objectos e é a realização do programa máximo de Renovação que, associado ao Grande Papa, o Grande Rei realizará para o maior bem do mundo, a paz universal e a verdadeira felicidade dos homens.

A margem dessas linhas do **Maga Mévode**, justamente em face desta frase "pois a Revolução não passa de acidente remediável", não anónima inscreveu esta observação: "Ela (a Revolução) acabará, não por uma volta ao antigo estado de coisas, sem nada subtrair d'ele, o que é absurdo pensar, mas por uma rectificação do estado em que caímos; tal como a revolução imensa causada pela invasão dos Bárbaros no Império romano não terminou pela expulsão dos Bárbaros, mas com civilizá-los". — Georges Vouloir, *Les prophéties pour les temps présents*.

— Mais um que não é "patriavelhista" como os republicanos e democráticos de todas as denominações heréticas, senão um actual, um ortodoxo e lúcido PATRIANOVISTA, isto é renovador apoiado na tradição contra a TRAIÇÃO.

O GRANDE LEVANTE

NA CIDADE BRASIL (em Goiás)

... Mas esta voz clamava em cada coração: — Inda que a "liberdade" assalte em teus santuários, os filhos da verdade e os ponha na prisão, ó JUSTIÇA, és só tu, tu que as nações constróis.

... Compreendendo este verbo, o povo não temia ameaças draconianas e as mil leis a partir das alfurjas tiranas que do "Oculto" obtêm o seu mandato acerbo...

"Este povo é melhor que aquêles que o governam !

— disse um dia o Senhor —

Deve êle hoje assumir o lugar de Israel e a palavra sagrada a todo o orbe expor, pois que chega bem perto o momento revel em que vai padecer tôda esta Humanidade.

ESTE É O POVO DA CRUZ COM O IRMÃO DE ALEM.

-MAR

QUE DEVE TODO O MUNDO A SEU TEMPO SALVAR".

O Povo, reunido em uma praça imensa na CIDADE BRASIL que, gloriosa e extensa, é a linda capital da gloriosa Nação, rugiu como um leão.

Mas, sem sermos govêrno, a acção não ia além, nem podia fazer-se o mais completo bem. Havia pax, a pax prenunciadora...

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
SATANAS, poema profético, 1924
Publicado em 1932. Esgotado.

Partido é luta e não construção, luta pelo predomínio de egoísmos.

Se, com outros homens equilibrados, afirmo: Alberto Torres que "admitir a luta como princípio de actividade é postular a existência que se esforça por destruir-se", devem ser irremissivelmente condenados todos os regimens partidários e piores ainda os multi-partidários que multiplicam os egoísmos.

Nem unipartidarismo, nem multipartidarismo.

Abaixo os partidos! São todos traidores da verdadeira paz, da prosperidade e da felicidade geral.

É TARDE... MUITO TARDE!

Dizem agora os republicanos, e com razão, que o Brasil exporta dinheiro sem importar capitais... Só agora?

PÁTRIA-NOVA proclama isso desde 1928. E os polhaços a rir de nós.

O "capitalismo" internacional vem fazer capital, multiplicar, no Brasil com depósitos nossos, "cria" lucros astronómicos à nossa custa... e os leva para fora.

E a república foi sempre aliada déles contra o Brasil. E as facções políticas republicanas, vendidas, fazem o jogo dos internacionais contra nós, ao mesmo tempo que recebem a importação de capitais "abstractos", a não serem as gorjetas que se pagam aos judas...

CONVERSA FIADA

A demagogia assechoreou-se da democracia. E a conversa mole retrata fielmente o nosso regime. — Antônio Constantino.

PÁTRIA-NOVA é um apostolado específico, isto é apostolado político, para regeneração do Estado segundo a Igreja e a Tradição nacional.

AN

Director

1. múltiplas
religiosas
e regimem
nente",
tem ou

2.

3. de fam
monarqu
presso
ociais a
sem para
liberdade
aspiração

3.

4. iderem
antes de

O

5. a consur
a velha
condo a

Mu

6. nas era

Os

7. cria e

8. tinas s

9. Oliveira

4.

10. orros do

11. "Não en

12. pois a

13. em fact

14. 4. ...

15. dores ru

16. que se

17. maduro

5.

18. nados, e

19. contrári

20. iquilo q

21. nível "b

22. destituid

AS

23. vincula

24. nalismo

25. durão a

26. res crim

27. NA

28. vá por

NO

29. os que

30. tratada

31. E'

32. bingêb

33. fados,

34. M

35. contra

36. não det

Lei

às

crá

tise